

# Transformando com Direito - por Isabela Castro



Há três anos tive a oportunidade de compartilhar as angustias vividas por mim na escolha de curso universitário. À época, com 17 anos, me vi obrigada tomar a difícil decisão de direcionar meu futuro profissional, optei pelo direito. É claro que a decisão veio precedida de reflexão, contudo, tão nova e sem referências familiares na área, não sabia ao certo o que me esperava pela frente. Atualmente, no quarto ano do curso, já começo a me despedir da vida universitária, saudosista, mas convicta de que fiz a escolha certa.

Esta certeza nasce do fato de que, pessoalmente, para me sentir realizada, preciso contribuir de alguma maneira para transformação positiva do mundo que me cerca e no direito encontro esta possibilidade.

Prova disto é que o objeto primordial da vida do jurista é a Constituição. Para os leigos, peço licença para elaborar analogia: nossa Constituição arrola uma série de valores a serem concretizados para formação de um Brasil ideal, em outras palavras, significa dizer que a Constituição é a despensa dos juristas (cozinheiros), lá encontram-se os ingredientes disponíveis para preparação de um prato sublime (estado democrático e social). Entretanto, os operadores do direito por muito tempo limitaram-se a reproduzir receitas prontas, muitas vezes até ignorando ingredientes; sem compreender que todos aqueles ingredientes, sem exceção, deveriam ser harmonizados da melhor forma possível.

Tenho sorte de vivenciar um novo tempo, em que o dogmatismo linear vem sendo oxigenado pela releitura do Direito à luz da Constituição Federal. E, em tempos de crise, vislumbro no direito um proveitoso instrumento de transformação social, que precisa ser usado com responsabilidade, mas também com coragem, coragem para rejeitar receitas prontas e perseguir o “prato ideal”. Isto é, o legislador e o operador do direito não podem ser acomodados, precisam ser conscientes da aptidão do direito para modificar a realidade social e a partir disto inovar, valendo-se sempre de sensibilidade ética e cumprindo a função promocional do direito.

Em tese, o discurso é muito belo e aparentemente fácil, na prática, não é tão simples como aparenta. De fato, o direito é um poderoso instrumento e de fato, é possível construir um novo futuro quando não se ignora sua capacidade de transformação. Entretanto, para inovar e transformar com o direito é indispensável responsabilidade e conhecimento, sob pena de desvirtuamento de sua função promocional de valores. Não podemos perder de vista que o mesmo direito que sustenta o Estado Democrático já foi usado no passado como pretexto para legitimar atrocidades e regimes autoritários. Por este motivo que afirmo que a transformação da realidade a partir do direito requer responsabilidade, para que não desacreditemos nas instituições democráticas.

Por outro lado, para transformar é necessário também inovar e para inovar é indispensável conhecimento. Neste ponto as Universidades cumprem um importante papel, papel de produtoras de conhecimento, conhecimento para subsidiar a inovação e, portanto, promover a transformação.

As Universidades são fonte de esperança! Vejo esperança nas Universidades que formam não reprodutores de “receitas”, mas genuínos “chefes de cozinha”, Universidades comprometidas, que estimulam a produção de conhecimento e a autonomia intelectual a partir da pesquisa.

Em suma, me realizei no direito porque sinto que com ele posso transformar, como ele posso contribuir para formação de um Brasil melhor, seja com a produção de conhecimento ou com a operação do direito. Em tempos de crise, me conforta saber que poderei canalizar meus inconformismos lidando profissionalmente com um instrumento capaz de modificar a realidade que me inquieta. Mesmo que minha futura atuação, considerada individualmente, pareça ter baixo poder de transformação, sei que cresce o número de juristas conscientes e, sobretudo, corajosos. Além disso, como disse Maria Teresa de Calcuta: “sei que meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor.

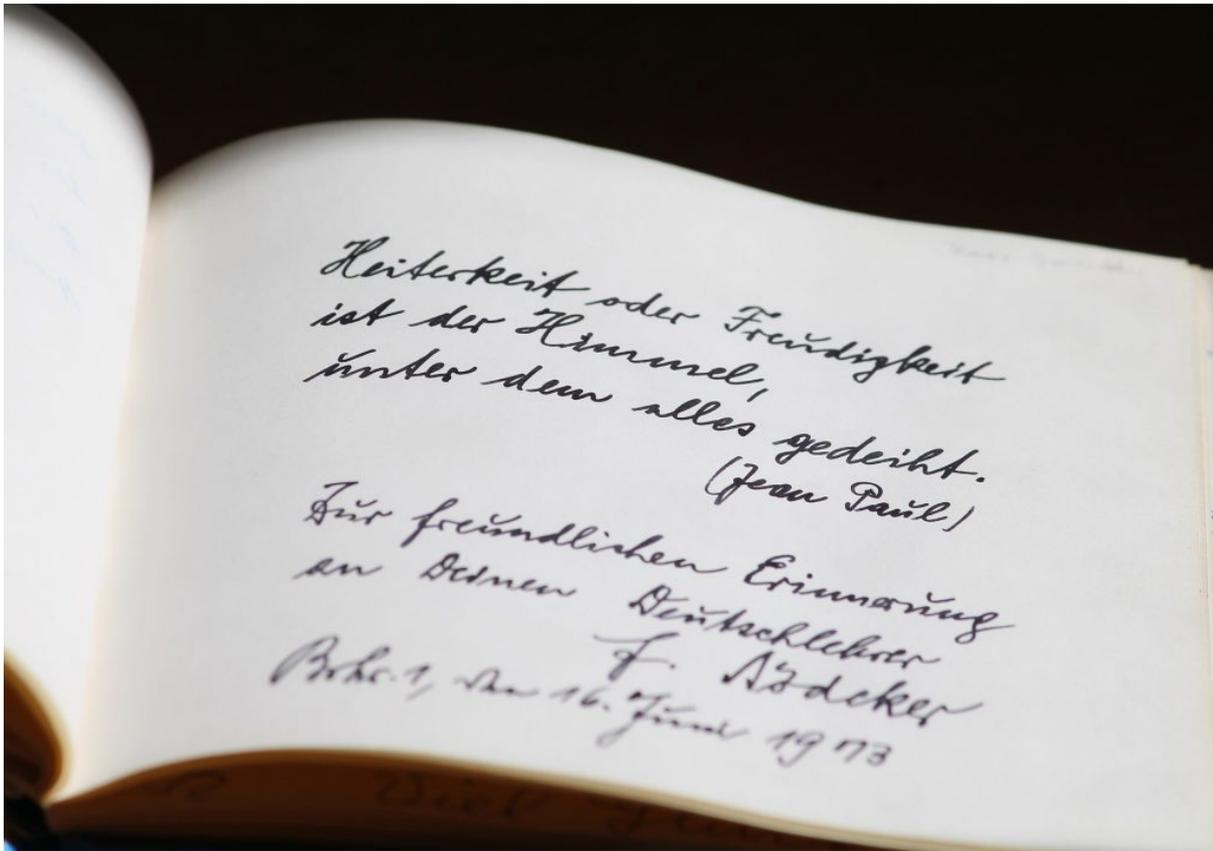
**Isabella Castro** é graduanda em Direito e colaboradora do IFE Campinas.

Artigo publicado originalmente no jornal Correio Popular, Página A-2, Edição de 29/08/2017.

Fonte da imagem :  
<https://static1.squarespace.com/static/54ff85f4e4b0a53deccc814b/55072afee4b06ae7c74ed7ea/55072b00e4b0bbbce63cc6bf/1426617573112/Wrongful+Death+Palm+Beach+Nursing+Home.jpg?format=500w>

---

**Três poemas do livro “O impossível e depois”**



## Os dias impossíveis

Os gritos, os golpes,  
Os gestos desconexos,  
Os pés escalando a sala,  
As mãos espalmadas na vidraça.

Os gritos, os golpes,  
Os gestos desconexos,  
A espera da palavra,  
A longa noite, a madrugada.

Os gritos, os golpes,  
A noite, a madrugada,  
As dores, as feridas,  
O corpo, a alma.

Os gritos, a sala  
revirada, a noite  
a noite, a madrugada  
os gestos, a solidão,

os olhos vermelhos,  
as lágrimas enxutas  
e exaustas. O sol,  
a noite, a esperança

perplexa e amedrontada.

### **Lírica**

Sopro os rios que vão  
Solitários desaguar  
Em alguma praia  
De longeveres mar.

Sentada à beira  
A criança brinca.  
Sorri travessa,  
Para ela-outra menina  
No espelho refletida.

Não conhece desgosto,  
Não viu águas turvas,  
Apenas pingos de chuva  
Na pureza do seu rosto.

Tudo é frágil, tudo acaba  
Nem sempre em bom termo.  
Ela dança os pés n'água  
Contra a corrente do tempo.

### **Geração Perdida**

*O que sabeis do amanhã? O que é a vossa vida? Sois uma névoa que aparece por um instante e logo desaparece.*

*Deveríeis antes, dizer: "Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo". Ao contrário, agora vos gloriáis alardeando. E toda jactância dessa espécie é má. Quem sabe fazer o bem e não o faz é culpado.*

(Carta de São Tiago, cap. 4, 14- 17)

### Geração Perdida

os filhos dos marxistas  
estamos todos perdidos  
os filhos dos militares  
estamos todos perdidos  
os filhos dos hippies  
estamos todos perdidos  
os filhos dos niilistas  
estamos todos perdidos

inquestionavelmente  
inapelavelmente  
impreterivelmente

talvez algum sábio  
revedo o passado  
dirá  
pasmado:  
O que foi feito  
daquela geração fim de século?  
filhos de ideologias natimortas  
não ousaram  
pereceram  
nas apáticas águas mornas  
do “estamos conosco satisfeitos”

estamos perdidos, perdidos, perdidos!  
por isso urramos nas madrugadas  
nos embebedamos  
concordamos errado os verbos  
temos preguiça  
pensamos inútil  
a busca por algo que esteja certo

dessa indolência  
formamos um mundo  
um mundo de bolhas egocêntricas  
sentados sobre uma falsa inocência  
chorando as consequências

do que não fizemos  
do que não podíamos  
do que não queremos  
do que desejaríamos

multidão amedrontada  
à força retirada da própria concha  
pelas mãos da violência  
pagamos preço de sangue  
pela nossa indiferença

se a essa geração  
pode ser dada qualquer escusa  
foi a de que não tivemos culpa  
nós não tivemos culpa  
somos apenas os filhos  
das filosofias de sepultura

se um dia pudéssemos  
abrir as nossas portas  
saltar os nossos muros

escancarar nossa revolta

seria um gemido  
quase inaudível  
da dor mais pura

em olhos baços  
de funda amargura  
suspiraremos

não temos culpa  
nenhum culpa  
nós  
não temos  
culpa  
alguma

**Eduardo Gama** é mestre em Literatura pela USP, Jornalista, Publicitário, poeta e membro do IFE - Campinas.

---

## Calça jeans, tênis e toga

Há pouco, completamos dezessete anos de carreira judicial. Fomos aprovados em cento e doze juizes, sendo que dois já sofreram o supremo roubo de Deus, visto sob olhos humanos, de forma que restam ainda cento e dez colegas de toga do mesmo concurso. Todos procedentes de lugares tão diferentes quanto exóticos, com visões de mundo divergentes e convergentes misturadamente. Todavia, o que mais chamou atenção da opinião pública na época foi o fato de que, entre mais de seis mil candidatos, ao final, os mais moços mostraram-se preponderantemente os mais capazes: a maioria dos aprovados não tinha mais que vinte e cinco anos.

Eu tinha vinte e três. Pertencia, então, ao seletivo grupo de “despreparados e potenciais inconsequentes”, como nos chamou um dos editoriais mais críticos à política de aprovação da corte paulista. Padecíamos de uma suposta “menoridade intelectual” para o exercício do cargo. “Juizes tão jovens a decidir os destinos dos cidadãos? Como?” – era o que mais se ouvia. Até minha avó, quando soube da aprovação, parabenizou-me e depois disse que me achava precoce demais para o cargo. Respondi que, como a idade avança inexoravelmente, a precocidade teria vida curta...

Acreditar que ser jovem é um defeito para o exercício da magistratura envolve uma certa mentalidade gerontocrática que, na linha pedagógica platônica, acabou por prevalecer anos depois com a edição da reforma do Poder Judiciário (EC 45/04), a qual passou a exigir o “limbo existencial” de três anos de formado para a candidatura aos concursos de ingresso aos tribunais de justiça. Como se o juiz, durante o início de sua carreira, não tivesse uma longa formação específica e não tivesse qualquer contato com os colegas mais velhos.

Seria uma espécie de eremita togado, sem contar o fato de que, durante os dois primeiros anos de carreira - período de vitaliciamento - suas decisões e posturas são constantemente supervisionadas por juízes formadores, pela corregedoria e pelos advogados. Sob um olhar retrospectivo, vejo que um legado de justiça que vai se consolidando, entre nossos erros e acertos, foi fruto de sabermos manter nossa esperança por uma sociedade melhor alicerçada num espírito varonil.

Há um tipo de esperança que brota da energia juvenil, mas que se esgota com os anos, com o adentrar na maturidade. Mas a verdadeira esperança oferece ao homem um “ainda não” que triunfa sobre o declínio das energias naturais. Dá ao homem tanto futuro, que o passado passa ser considerado “pouco passado”, por mais rica e longa que tenha sido a vida. A esperança é a força do desejo voltado para um “ainda não” que, quanto mais nos aproximamos dele, mais se distancia.

Por isso, a verdadeira esperança produz uma eterna juventude. Comunica ao homem elasticidade e leveza, uma juventude exigente e flexível ao mesmo tempo, qualidade própria dos corações fortes. Trata-se de uma valentia despreocupada e confiante, que caracteriza e distingue o homem de espírito jovem, fazendo dele um exemplo atrativo. A esperança confere uma juventude inacessível à velhice e à desilusão.

“Espera. O tempo passa. E, um dia, o tempo fica”, diz o bardo português. Muitos anos passaram-se e aqueles bravíssimos juízes imberbes alcançaram a maturidade existencial. Tropeçaram e levantaram. Mas continuaram jovens de espírito e, como prova disso, hoje, a mesma opinião pública enaltece o trabalho silencioso de muitos jovens juízes.

Somos tão jovens e assim devemos permanecer. Nada como a poesia para falar da vida. Razão ao nosso bardo. Esperamos e o tempo dos juízes jovens veio para ficar e marcar uma época histórica. Eis a nossa tarefa e o nosso desafio: trabalhar diariamente para distribuir o justo concreto, mas com a mentalidade de quem ainda usa calça jeans, tênis, camiseta e carrega, dentro de si, por vocação, um “coração togado”. Com respeito à divergência, é o que penso.

PS: em dezembro, um grupo de juízes, do qual faço parte, lançará a obra “Literatura em prosa e verso”. Colaborei com quatro crônicas forenses inéditas e uma sentença penal em verso, proferida num caso real. Quando souber de maiores detalhes, avisarei por aqui. Por ora, sei apenas que o evento será na Livraria Cultura do Shopping Iguatemi. Estarei de calça jeans, tênis e camiseta.

**André Gonçalves Fernandes** é juiz de direito, doutorando em Filosofia e História da Educação, pesquisador, professor, coordenador do IFE Campinas e membro da Academia Campinense de Letras ([fernandes.agf@hotmail.com](mailto:fernandes.agf@hotmail.com)).

Artigo publicado no jornal *Correio Popular*, edição 18/11/2015, Página A-2, Opinião.

---

**Tags:** Direito, Experiência, Graduação, Transformação social,

**Fonte:** IFE Campinas. Disponível em: <http://ife.org.br/transformando-com-direito-por-isabela-castro/>